

O CRYSTOSTOMO PORTUGUEZ, DO PADRE ANTONIO ONORATI, E O DEBATE SOBRE O MODELO DE PREGADOR NA CULTURA PORTUGUESA DO SÉCULO XIX¹

Marcus De Martini²

RESUMO

O estudo das inúmeras edições e antologias de textos do Padre Antônio Vieira (1608-1697), do século XVIII até hoje, ainda é um trabalho a ser feito. A fim de preencher uma pequena parte dessa lacuna, este trabalho busca analisar uma das mais importantes compilações de sermões vieirianos do século XIX, *O Crystostomo Portuguez* (1878), organizada pelo também jesuíta padre Antonio Onorati (1829 – 1881). Nessa obra, composta de cinco volumes, Onorati buscou “alimpar” os sermões daquilo que se julgava, à época, o “mau gosto do século XVII” e de possíveis equívocos doutrinários, apresentando Vieira como modelo de pregador evangélico em língua portuguesa para oradores principiantes. Mais do que analisar os critérios editoriais de Onorati, porém, busca-se aqui compreender o sentido da compilação como intervenção em um debate literário maior, que diz respeito à suposta superioridade de outro pregador contemporâneo a Vieira, o oratoriano Padre Manuel Bernardes (1644 -1710), como modelo de orador a ser emulado. Assim, por meio de uma análise comparativa entre autores dos séculos XVIII e XIX que abordaram a questão, como Luís Antônio Verney (1713-1792), A. F. de Castilho (1800-1875) e Camilo Castelo Branco (1825-1890), constata-se como esse debate foi acirrado e se refletiu na recepção de Vieira, especialmente em antologias escolares coetâneas, tanto no Brasil, quanto em Portugal.

Palavras-chave: Padre Antônio Vieira, Padre Manuel Bernardes, Padre Antonio Onorati, Sermão, Oratória.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), Processo número 104443/2020-0.

2 Professor-associado do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – e Pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo – USP, marcusedmartini@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Padre Antônio Vieira foi reconhecido como grande orador ainda em vida (FRANCO & CALAFATE, 2013, p. 24). Contudo, o legado de sua obra, composta de sermões, cartas, papéis políticos, tratados proféticos e textos vários, de que a recente edição de suas *Obras Completas* faz uma compilação em espantosos 30 volumes, acabaria sendo no mínimo controverso durante os séculos XVIII e XIX, sobretudo. Isso é especialmente verdadeiro no tocante à vertente que mais vivamente o notabilizou até hoje: a sermonística.

A *editio princeps* dos *Sermoens* de Padre Antônio Vieira foi preparada pelo próprio pregador em 12 volumes e publicada entre 1679 e 1699. No total, constam desses 12 tomos 182 sermões. Após sua morte, foram editados mais três volumes pelos seus confrades, agrupando textos que o jesuíta havia deixado de fora de sua edição original, computando-se ao final 203 sermões publicados. O volume XV acabaria sendo impresso apenas em 1748 (cf. MENDES, 2003, p. 303 e segs.).

Todavia, ainda antes dessa publicação, já havia começado a produção – praticamente ininterrupta até hoje – de coletâneas da extensa obra do jesuíta. Como afirma Paulo Silva Pereira (2020, p. 41),

Está ainda por fazer um estudo sistemático e profundo sobre a produção de antologias de textos vieirianos – desde *Vozes Saudosas da Eloquencia, do Espírito, do Zelo, e Eminente Sabedoria do Padre Antonio Vieira* (1736), de André de Barros, até hoje – atentando nos critérios de seleção utilizados e nas categorias que suportam a ordenação do material, assim como na habitual formulação de discursos histórico-descritivos nas suas páginas introdutórias ou até no que o perfil do antólogo possa revelar em termos de tendências de gosto e de filiação ideológica.

Desde então, inúmeras antologias de sua obra vieram, e ainda vêm, a lume. Até fins do XIX, quando é publicado *O Chrysostomo Portuguez*, do Padre Antonio Onorati, obra sobre a qual se concentra este trabalho, podem-se citar, sem pretensão exaustiva, ainda no XVIII, *Vieira abbreviado em cem discursos moraes, e políticos* (1746), de Anselmo Caetano Munhoz de Abreu Gusmão e Castelo Branco, censurada por Onorati no prefácio de seu primeiro volume; e, no século XIX, *Sermões selectos* (1852-3), em

seis volumes, além de *Sermões* (1873), compilação de dezenove sermões publicada, em Lisboa, pela Tipografia Universal, entre muitas outras³.

Assim, é publicado em 1878 o primeiro volume de *O Chrysostomo Portuguez ou o Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus num ensaio de eloquencia compilado dos seus sermões segundos os principios da oratoria sagrada pelo Padre Antonio Honorati⁴ da mesma Companhia*. No prólogo ao primeiro tomo de sua obra, Onorati afirma que o objetivo de sua compilação dos sermões de Vieira era demonstrar no pregador português a sobrevivência da eloquência de São João Crisóstomo, para assim mostrar em ação os princípios da pregação evangélica. No entanto, em vez de ter se dedicado a empreender uma nova edição dos sermões de Vieira, Onorati oferece ao público uma compilação deles, tendo em vista sobretudo os pregadores iniciantes. Também por isso, Honorati edita os sermões de modo a adaptá-los ao gosto “moderno”, limando-os de tudo o que seria o “mau gosto” característico do século XVII, conforme entendido nos séculos XVIII e XIX, sobretudo. Afirma o jesuíta italiano:

As interpretações forçadas, inconvenientes e talvez falsas dos textos da Escripura sagrada, as largas citações de autores profanos, as subtilezas de conceitos abstrusos ou requintados, os equívocos e trocadilhos (lastimoso tributo que o subido ingenho de Vieira pagou ao seu seculo tão dado ao gongorismo); quem não sabe quanto escurecem a belleza, afrouxam o impeto, diminuem a autoridade e rebaixam a nobreza de sua eloquencia? [sic] (VIEIRA, 1878, p. V).

Onorati havia ideado seis volumes para a sua compilação; no entanto, apenas cinco deles foram publicados. Os tomos seriam divididos de acordo com a matéria dos sermões, “como a mais própria para o fim da compilação”, uma vez que, para Onorati, a homogeneidade da matéria realçaria os estilos adequados a cada uma delas (VIEIRA, 1878, p. IX). Assim, o primeiro volume da compilação, com os sermões quaresmais - 33 sermões, mais precisamente -, sai em 1878; o segundo, com

3 Para um panorama mais completo das edições da obra de Vieira no século XIX, ver Martins (1998).

4 Forma como vai grafado seu sobrenome nas edições de *O Chrysostomo Portuguez* e em alguns periódicos da época, um aportuguesamento do italiano “Onorati”, que, por sua vez, é a grafia encontrada nos documentos jesuíticos, e também, ocasionalmente, na imprensa; por isso, optamos por adotá-la neste artigo.

29 sermões do tempo pascoal, do Santíssimo Sacramento, do Advento, do Natal “e outros dias *infra annum*”, é publicado em 1879; o terceiro, com 36 sermões panegíricos de Nossa Senhora e dos Santos, também em 1879; o quarto, com 35 sermões de circunstâncias políticas, orações fúnebres “e dois apêndices”, em 1881; e, por fim, o quinto, com 34 “sermões populares e práticas espirituais”, vem a lume apenas em 1890, o que demonstra que a morte do compilador, em 1881, realmente desacelerou o processo de edição de sua obra. Não foi publicado – ou sequer finalizado pelo autor, não se sabe - o sexto volume, que traria, conforme anunciado no prólogo do primeiro, os 30 sermões do Rosário. Com isso, a “compilação” de Onorati apresentaria 197 sermões, em vez dos 167 que acabaram sendo publicados.

Mesmo com tantas edições concorrentes, em 1932, mais de meio século depois da publicação do primeiro volume de Onorati, seu trabalho ainda é citado como “uma das melhores compilações de Vieira” por João Lúcio de Azevedo (1932), um dos principais estudiosos vieirianos do início do século XX. Portanto, embora de legibilidade hoje comprometida devido aos critérios editoriais adotados, considerados atualmente espúrios, a compilação ocupou um lugar decisivo na recepção de Vieira na virada do século XIX para o XX e aguarda maior atenção

Afora suas discutíveis decisões editoriais, a compilação de Onorati participa de, pelo menos, mais duas polêmicas. A primeira, de que já tratamos em outro lugar, diz respeito aos conflitos entre, de um lado, jesuítas ultramontanos e, de outro, regalistas, liberais anticlericalistas, geralmente maçons, no Brasil, em particular, onde Onorati teve primeiramente contato com a obra de Vieira e de onde teve de fugir, depois de ser extraditado em função de seu suposto envolvimento na Revolta do Quebra-quilos⁵. Nesse cenário, Vieira surge, na obra de Onorati, como uma espécie de símbolo da união histórica entre a Companhia de Jesus

5 Onorati chegará ao Brasil em 1865, juntamente a outros religiosos da Província de Roma - Padre Bartholomeo Taddei, irmão José Giommi e irmão coadjutor Afonso d'Amicis -, no que ficou conhecido como “Missão Romana”, para a fundação do Colégio São Luís, em Itu, São Paulo. Depois de fundar a escola e percorrer diversas províncias do Brasil, Onorati chega a Pernambuco, onde os jesuítas encontravam-se em atrito com os liberais locais. O envolvimento dos jesuítas com a chamada “Questão Religiosa”, em apoio aos bispos revoltosos, bem como sua implicação pelo governador de Pernambuco no “Quebra-Quilos” levaram à deportação dos jesuítas estrangeiros do reino em fins de 1874. Onorati, porém, consegue fugir da província em inícios de 1875, indo se juntar aos seus confrades em Lisboa, no Colégio de Campolide, onde vem a falecer em 1881.

e o Império Português, do qual o Brasil havia sido parte, mostrando-se a compatibilidade entre a sujeição ao rei e ao papa, patriotismo e catolicismo. Já a segunda, que pretendemos abordar neste texto, é uma polêmica “literária”; no caso, a primazia de Vieira como modelo de pregador católico, em especial em língua portuguesa, mormente em face de um contemporâneo seu, o oratoriano Padre Manuel Bernardes, cuja recepção, renovada no século XIX pela autoridade do poeta romântico Antônio Feliciano de Castilho, começara a eclipsar o legado vieiriano.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de cunho bibliográfico, tendo sido desenvolvida a partir da análise comparativa das obras dos autores selecionados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Por um lado, é preciso reconhecer que ambas as polêmicas mencionadas na introdução deste texto inevitavelmente se interconectam. O anticlericalismo que marcou o século XIX como um todo, não deixou, tanto no Brasil como também em Portugal, de possuir uma matização particularmente antijesuítica, que, no caso luso-brasileiro, era-lhe anterior. Sendo Vieira o jesuíta português historicamente mais reconhecido, acaba ele sendo retratado como o jesuíta arquetípico; por isso, a aversão contra a Companhia de Jesus não deixa de extravasar para seu membro mais destacado. Por outro lado, o “antibarroquismo” que se impõe a partir do século XVIII, como uma condenação à poética de agudeza do século anterior, permanece ainda no XIX e adentra o XX, quando veremos então a revalorização desse “estilo”. Como a obra de Vieira tradicionalmente se colocou como a mais significativa da prosa, para não dizer de todas as letras, do Seiscentos, em língua portuguesa, não deixou ela, da mesma forma que seu criador, de ser uma síntese maior dessa poética e de todos os seus “defeitos”. Ademais, como o “barroquismo” não deixava de ser visto como fruto do Catolicismo contrarreformado, Vieira acabava sendo, para alguns, justamente a epítome da herança nefasta do XVII, fosse, portanto, por sua atuação política, fosse por sua obra.

Certamente, a apreciação negativa ao legado “literário” vieiriano tem como fator desencadeador a publicação de *O Verdadeiro Método de Estudar, para ser útil à República e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal*, de Luís António Verney (1713 — 1792).

Publicada, curiosamente, no mesmo ano da primeira biografia do jesuíta, escrita pelo também inaciano Padre André de Barros, em 1746, a obra de Verney retrata a eloquência de Vieira de forma desabonadora, fugindo do teor encomiástico encontrado da coetânea biografia de Barros.

Publicada originalmente como anônima, a obra é apresentada como um conjunto de 16 cartas, nas quais o autor - identificado apenas como “Barbadinho da Congregação da Itália” - dirige-se a um doutor da Universidade de Coimbra, identificado no texto apenas como “V.P.”. Nelas, aborda diversos assuntos peculiares à cultura e ao ensino de seu tempo, propondo reformas educacionais e voltando-se, assim, como não poderia ser diferente, aos métodos jesuítos e, em especial, à sua fundamentação neoescolástica. Para Verney, eram tais métodos ultrapassados os principais responsáveis pelo atraso de Portugal em relação às outras nações.

Na quinta carta, Verney aborda a questão do ensino de retórica, revelando que não havia nenhum autor que pudesse servir de modelo em língua portuguesa, assim criticando Vieira de forma velada. Na sexta carta, onde Verney aborda sobretudo a questão dos estilos, reconhece que pode causar escândalo ele não indicar a leitura de Padre Vieira, que passa então a criticar agora de forma aberta. Nesse momento, Verney lembra que já havia afirmado, na primeira carta, que não difamaria nenhum autor; porém, defende que se distinga o homem de sua obra (1746, p. 205). Assim, Verney reconhece talento em Vieira, especialmente em suas cartas, mas:

Quanto aos sermoens, e orasoens, deixou-se arrebatado, do-estilo do-seu tempo; e talvez foi aquele que com o seu exemplo, deu materia a tanta sutileza, que sam as que destruem a Eloquencia. Nos-seus sermoens, nam achará V.P. artificio algum retorico, nem uma Eloquencia que persuade. Muitos, que gosta daquelas galatanrias, lendo-o sairám divertidos: mas nenhum omem de juizo exato, sairá persuadido delas. [sic] (1746, p. 206).

Para Verney, portanto, os sermões e orações de Vieira, contrariamente a suas cartas, trariam mais deleite que proveito. Fica claro que Verney, abrindo caminho para muita da crítica que virá no XIX, não enxerga na elocução do XVII nada mais que ornamentação expletiva, a qual revelaria o desejo do pregador em simplesmente agradar o público, apesar de, às vezes, protestar contra ela, como sabemos que Vieira o faz na *Sexagésima* (1746, p. 206). Mesmo nas cartas de Vieira, que Verney

afirmar louvar, não deixa o autor de lhes apontar vários defeitos: seja a repetição frequente do pronome de tratamento do destinatário, a afetação (inadequada para missivas), e até mesmo a ortografia (especialmente a duplicação de consoantes) (*ibid.*, pp. 211-3).

Juntamente a essas mudanças de paradigma, e ligada à campanha antijesuítica que o Marquês de Pombal passará a promover a partir do XVIII, como se sabe, vale notar o Alvará de 28 de junho de 1759, pelo qual foram extintas todas as escolas que seguiam o método jesuíta. Mesmo antes disso, a missão tutelar sobre o ensino já havia sido entregue para a Congregação do Oratório, da qual Verney fazia parte, como, antes dele, o próprio Padre Manuel Bernardes. Para Silva (2013, p. 106), a Congregação do Oratório “estava alinhada politicamente com um claro esforço do Estado português de limitação do poder dos jesuítas, antes mesmo do tutelado pombalino”.

Já no século XIX, a crítica que Almeida Garrett faz a Vieira em seu *Bosquejo da poesia e língua portuguesa*, publicado em 1826, segue ainda a de Verney. Conforme explica Paulo Motta Oliveira (1998, pp. 58-9), para o autor de *Viagens na minha Terra*, a corrupção do estilo, entre fins do século XVII e meados do XVIII, teria provocado um período de grande decadência da poesia e da língua portuguesas. Por influência do domínio espanhol, o “gongorismo”, mas também o “marinismo”, nomes pelos quais Garrett identifica a agudeza seiscentista, teriam tomado conta das letras portuguesas, e Vieira teria sido então o maior divulgador dessa “lepra castelhana”. No entanto, também na esteira de Verney, Garrett não deixa de separar “a pessoa da obra”, reconhecendo em Vieira um grande engenho, mas também um elevado sentimento nacionalista, o que não deixa de soar paradoxal.

É no ensejo desse debate que o nome do Padre Manuel Bernardes vai aparecer como melhor modelo de prosa do século XVII. Vale lembrar que Verney havia dito que não havia modelo de pregador a se imitar em língua portuguesa. Apesar de os sermões do oratoriano serem considerados mais “simples”, essa simplicidade de estilo, juntamente ao caráter didático de suas principais obras, como a *Floresta* e a *Nova Floresta*, vai torná-lo atraente para os advogados da poética do século XVIII, mas também da do XIX. Justamente o principal responsável por essa elevação do modelo bernardiano será um poeta romântico, como já mencionado: Antônio Feliciano de Castilho, com sua obra *Padre Manoel Bernardes: Excertos seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras, um juízo crítico*,

apreciações de belezas e defeitos, e estudos de língua, cuja primeira edição, como ensina Oliveira (1998, p. 60), deve ter saído em 1845.

Na seleção de Castilho, o poeta igualmente reprova os males da poética seiscentista; por isso, oferece uma seleção em que os defeitos da obra de Bernardes são omitidos: “...mui de industria o expurgámos de todos esses nojosos espedícios de argúcia, de todo esse brutesco arripado de formulas escolásticas, de toda, essa pobre riqueza que, segundo a moda de então, constituia metade de cada sciencia...” [sic] (CASTILHO; BERNARDES, 1865, p. 273). E complementa:

“Não queremos dizer que no que assim deixámos de fora não haja ainda provas e amostras de relevante en-genho. Pelo contrario; ninguém mais do que nós admira esse esvoçar tão sustido e ligeiro no meio do vácuo tenebroso; mas outros tempos, outras idéas, outro gosto. O da nossa idade é mais veraz e positivo.

Por pouquissimo que houvéssemos entremeiado nos quadros que demos uns desenfeites d’aquelle teor, já o publico nol-os houvera todos repugnado, punindo-nos do nosso desatino.” [sic] (*ibid.*, p. 273).

Ao buscar na tradição autorização para sua preferência, Castilho cita inclusive Vieira, que, próximo de sua morte, teria indicado Bernardes como uma espécie de continuador de sua eloquência (*ibid.*, p. 281). Mais relevante do que isso, cita Francisco José Freire, o Candido Lusitano, que teria dito que chegaria o tempo em que Bernardes ombrearia com os clássicos portugueses, em sua obra *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*. Mas Castilho vai além. Ao estabelecer um paralelo – destinado a se tornar antológico - entre Vieira e Bernardes, o poeta conclui pela superioridade do segundo.

Essa senda aberta por Castilho será ainda percorrida por outro romântico, o notável romancista Camilo Castelo Branco. Conforme esclarece Motta Oliveira (1998), Camilo Castelo Branco publica o segundo tomo do *Curso de Literatura Portuguesa* em 1876. A obra fora planejada por José Maria de Andrade Ferreira; porém este morre após ter escrito o primeiro volume, que compreendia a história da literatura portuguesa até 1580. Assim, Castelo Branco aceita o pedido dos editores e escreve o segundo volume, em que parte de fins do XVI até as obras de Almeida Garrett e Feliciano de Castilho.

Castelo Branco inicia sua apreciação da eloquência sacra de fins do XVI e do XVII justamente apontando a afetação que começara a tomar

conta dos púlpitos. Ao abordar a sermônica vieirina, o romancista principia por reconhecer suas qualidades:

São os sermões do padre Antonio Vieira uns riquíssimos minérios do mais fino ouro pelo que respeita á linguagem” [...] Quem se votasse á agradável tarefa de cólher palavras e phrases nos sermões de Vieira, desenredando-as do sarilho vicioso em que elle as invencilhava, formaria um florilegio, um bastantissimo vocabulario e selecta prosodia para exercidos de primorosa escripta. [sic] (1876, p. 104).

A apreciação da linguagem vieirina se deve, como explica Oliveira (1998), ao fato de Camilo ser um grande entusiasta de uma linguagem castiça. Vê-se então, como argumenta Martins (1998), que Vieira se consolida no XIX também como uma *auctoritas* linguística.

No entanto, Castelo Branco não tarda em apontar-lhe os defeitos:

Porém, com tamanha e tão variada opulencia de còres, o padre Vieira deleitava-se em pintar a caricatura da eloquencia sagrada. Por nos servirmos da sua propria phrase em um sermão, Vieira acarretava textos das escripturas, levantava conceitos, jogava de vocábulos, tecia engenhosos sophismas, e rematava umas con-clusões tao alheias dos principios, que o auditorio pasmava da solécia do orador, como das peripecias imprevistas de uma comedia de Alarcão. [sic] (1876, p. 104-5)

O romancista então reconhece que, ao passo que a linguagem de Vieira oferece “delícias” aos que o leem, sua imitação causou justamente a ruína da eloquência sacra, como antes também dissera Garrett. Assim, passa logo para a apreciação dos sermões de Bernardes, no que segue Castilho de perto. Como afirma Oliveira (1998, p. 61), “[é] conhecida a admiração que Camilo tinha por Castilho”. Além de reiterar a discordância do poeta quanto ao juízo do Candido Lusitano, que tinha o oratoriano como imitador do jesuíta, utiliza uma longa citação de Castilho, nada mais que o “Paralelo entre Vieira e Bernardes”, com o qual encerra a seção, como que subscrevendo o que aquele sentenciara.

O legado de Castilho, porém, não ficou apenas em um debate entre literatos. Em vez disso, seu juízo acerca da superioridade de Bernardes, ainda mais depois de avalizado por Camilo Castelo Branco, extravasa para a cada vez mais copiosa indústria de seletas e antologias escolares. Como ensina Razzini (2000, p. 216),

[o]s padres Antônio Vieira e Manuel Bernardes formam a dupla de autores mais assíduos e mais reproduzidos nos compêndios escolares do século XIX. Há, entretanto, uma inversão na seleção de ambos entre os compêndios mais antigos e os do final do século, como a *Seleção Literária* e a *Antologia Nacional*. Enquanto Antônio Vieira é o autor mais reproduzido nos livros didáticos adotados nas décadas de 1860 a 1880 (*Curso Elementar*, *Íris Clássico* e *Seleção Nacional*), Manuel Bernardes é o que tem o maior número de excertos na *Seleção Literária* e na *Antologia Nacional*.

A partir especialmente da década de 1870, complementa Razzini (2000, p. 218), “o julgamento literário e moral de Castilho a favor de Bernardes e contra Vieira começava a prevalecer em alguns livros didáticos”. Em muitas dessas antologias, inclusive, a presença do excerto de Castilho, não raro já contando justamente com o título de “Paralelo entre Vieira e Bernardes”, este ausente do original do poeta português, passa a ser um texto recorrente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A edição onoratiana surge, como já dissemos, no contexto do conflito entre liberais e ultramontanos, tanto em Portugal, onde a obra efetivamente é publicada, como no Brasil, onde é prodigamente publicizada em jornais católicos. Seu intento, porém, conforme pretendemos mostrar neste artigo, responde ainda à eclíptica de Vieira por Bernardes, a partir do paralelo entre os dois popularizado pela coletânea das obras do oratoriano publicada por Castilho, que passa dali para as antologias escolares. Assim, a retomada das edições de Vieira acompanha o retorno dos jesuítas a Portugal, em meados do XIX, e é possível que se configure, no caso de Onorati, pelo menos, ainda como uma espécie de contra-ataque também ao legado oratoriano, já que a Congregação do Oratório acabara por se apossar do espólio jesuíta quando da perseguição pombalina.

De fato, Onorati menciona a obra de Castilho, assim como parece desenvolver justamente o que Camilo havia sugerido que se deveria fazer com Vieira em seu *Curso*, nada mais que um procedimento editorial análogo ao que o poeta português havia feito com Bernardes. Apesar de Onorati, por um lado promover essa espécie de defesa da sermônica vieirina e da Companhia de Jesus, sua edição, por outro lado, acata a crítica “literária” que os sermões haviam recebido desde o XVIII, pelo menos, uma vez que os “corrige”, isto é, procura adaptá-los ao “bom gosto” do

tempo. Onorati faz assim uma edição que procura ceifar dos sermões de Vieira todos os seus trocadilhos, ecos e quaisquer figuras que remetessem à agudeza seiscentista, bem como os reorganiza retoricamente, alterando as seções de modo a obedecerem a uma *dispositio* tradicional. Nesse sentido, nem mesmo Onorati passou ileso à tradição da crítica aos “barroquismos” de Vieira, uma vez que promove sua adequação às expectativas do público de seu tempo e ao tipo de pregador que tinha mente formar; enfim, “moraliza-o”, como afirmam Hansen & Pécora (1993).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores que até hoje se dedicaram a examinar a recepção crítica a Vieira no século XIX, como Martins (1998) e Oliveira (1998), percorreram caminhos semelhantes. Todos pontuam a importância de Garret, Camilo e Teófilo Braga; no entanto, como procuramos demonstrar, a crítica do XIX ao legado “literário” de Vieira remonta, na verdade, ao XVIII, mais especificamente a Verney, bem como ao “antijesuitismo” pombalino, sem o qual essa crítica posterior perde muito do seu contexto. Além disso, é importante notar como a crítica de Castilho ao jesuíta e a promoção que faz de Bernardes impactaram muito mais a recepção de Vieira no XIX, e ainda em inícios do XX, do que a literatura logrou até hoje demonstrar. Não apenas Camilo responde diretamente a ela, como o “paralelo entre Vieira e Bernardes” estabelecido por Castilho acaba por se tornar um excerto fartamente publicado em antologias escolares, conforme demonstrou Razzini (2000).

Do mesmo modo, apesar de os conflitos entre a Companhia de Jesus e Pombal serem já bem conhecidos na literatura, a emulação entre a Congregação do Oratório e a Companhia de Jesus pode ter tido um papel marginal na recepção de Vieira em fins do XIX, posteriormente ao retorno dos inicianos ao Brasil e a Portugal, com a consequente retomada de sua atividade educacional. Assim, é muito possível, se não provável, que Onorati tenha conhecido a obra de Vieira justamente ao começar a lecionar em Itu, quando da fundação do Colégio São Luís, do qual foi o primeiro reitor, onde pode ter tido contato com o “paralelo entre Vieira e Bernardes” e com a obra de Castilho por meio das antologias escolares disponíveis. Foi ainda a edição que Castilho fez de Bernardes que, paradoxalmente, sugeriu um caminho a Onorati para “resgatar Vieira”, confirmado depois pela obra de Camilo, apesar de publicada pouco tempo antes da de Onorati.

Portanto, a edição de Onorati, apesar de hoje espúria e esquecida, desempenha um papel interessante não apenas na compreensão da recepção de Vieira no XIX, mas também para a compreensão dos conflitos enfrentados pela Companhia de Jesus logo após seu restabelecimento e merece, portanto, maior atenção da crítica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio recebido do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), por meio da concessão de bolsa de Pós-doutorado Sênior (PDV/ Processo número 104443/2020-0); ao meu orientador, Prof. Dr. João Adolfo Hansen, pelo incentivo e pelo envio gentil do manuscrito “Vieira moralizado,” originalmente publicado na *Revista Tempo Brasileiro* (1993); e também ao Dario Trevisan de Almeida Jr., pela parceria no estudo da obra de Onorati.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, João Lúcio de. “A oratória sagrada: Padre António Vieira – Traços de sua vida – Obras – Escritos apócrifos – ‘Arte de furar’”. In: **História da Literatura Portuguesa Ilustrada**, dir. Albino Forjaz de Sampaio, 4 vols. (Lisboa: Bertrand; Paris: Aillaud, 1932), 3: 193.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Curso de literatura portuguesa**: Continuação e complemento do *Curso de literatura portuguesa* por José Maria de Andrade Ferreira. Lisboa, Portugal: Livraria Editora de Matos Moreira e Companhia, 1876.

CASTILHO, A. F.; BERNARDES, Manuel. **Padre Manoel Bernardes**: Excertos seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras, um juízo crítico, apreciações de belezas e defeitos, e estudos de língua. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Garnier, 1865.

FRANCO, José Eduardo; CALAFATE, Pedro. Introdução Geral. In: **Obra Completa do Padre Antônio Vieira**. Direção: José Eduardo Franco e Pedro Calafate. T. I; Vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.

HANSEN, João Adolfo; PÉCORÁ, Alcir. “Vieira moralizado”. In: *Revista Tempo Brasileiro*, 114-5, 1993, pp. 137-70.

MARTINS, José Cândido. “A *auctoritas* do P.e António Vieira na cultura romântica de Oitocentos”. In: **Revista Portuguesa de Humanidades**, vol. 1, 1998, pp. 149-182. Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/candid08.htm>.

MENDES, Margarida Vieira. **A Oratória Barroca de Vieira**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

OLIVEIRA, Paulo Motta. “A recepção de Vieira por Garrett, Camilo e Teófilo”. **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**, Faculdade de Letras da UFMG, v. 18 , 1998, pp. 55-68.

PEREIRA, Paulo Silva. “Vieira, o barroco e as guerras do cânone em Portugal e no Brasil (finais do século XIX – meados do século XX)”. In: **Revisitar Vieira no século XXI**, dir. José Eduardo Franco e Paulo Silva Pereira, 2 vols. (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020): 1: 41.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. **O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)**. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2000. SILVA, Iverson Geraldo da. O projeto anti-jesuítico: Verney, os oratorianos e a aliança com o estado português. In: **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 96-108, jul-dez/2013.

VERNEY, Luís António. **Verdadeiro Metodo de Estudar, para Ser Util à Republica, e à Igreja: Proporcionado ao Estilo, e Necessidade de Portugal. Exposto em Varias Cartas, Escritas polo R. P. Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P. Doutor na Universidade de Coimbra**. T. I. Valença: Oficina de Antonio Balle, 1746.

VIEIRA, Antônio. **O Chrysostomo portuguez ou o Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus n’um ensaio de eloquencia compilado dos seus sermões segundo os principios da oratoria sagrada pelo Padre Antonio Honorati da mesma Companhia**, ed. Antonio Honorati, 5 vols. (Lisboa: Mattos Moreira & C.^a, 1878-1890).